

ASSEMBLEIA ECLESIAL: POR UMA IGREJA MAIS SINODAL E MISSIONÁRIA

Rafael Lopez Villasenor
rafamx65@gmail.com

RESUMO: O Papa Francisco apresenta como eixo central do pontificado o caminho da sinodalidade como caminho da Igreja no terceiro milênio. Uma Igreja da escuta, que envolve o povo de Deus nos processos de discernimento, nas decisões e práticas pastorais diante das legítimas diversidades. Neste texto fazemos uma reflexão sobre a sinodalidade a partir da experiência vivenciada na primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, que aconteceu de forma híbrida com quase mil participantes online e com um pequeno grupo presencial. A Assembleia apontou o convite para reformar as estruturas eclesiais, com sonhos, esperanças e desafios. Entretanto houve a sensação de que o processo utópico da assembleia foi enfraquecido diante das orientações pastorais finais, que não corresponderam totalmente aos anseios da Assembleia, nem de uma igreja sinodal e missionária.

ABSTRACT: Pope Francis presents as the central axis of his pontificate the path of synodality as the path of the Church in the third millennium. A Church of listening, which involves the people of God in the processes of discernment, in decisions and pastoral practices in the face of legitimate diversities. In this text, we reflect on synodality from the experience of the first Ecclesial Assembly in Latin America and the Caribbean, which took place in a hybrid way with almost a thousand online participants and with a small in-person group. The Assembly addressed the invitation to reform ecclesial structures, with dreams, hopes and challenges. However, there was a feeling that the utopian process of the assembly was weakened in the face of the final pastoral guidelines, which did not fully correspond to the aspirations of the Assembly, nor of a synodal and missionary church.

A partir destas linhas tentamos fazer uma breve descrição sobre a sinodalidade a partir da experiência vivenciada na primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, que aconteceu

de forma híbrida com a participação de quase mil pessoas online pela plataforma zoom e um pequeno grupo presencial na Cidade do México, entre os dias 21 a 28 de novembro de 2021, sob a proteção do olhar da Virgem de Guadalupe, Padroeira da América Latina e do Caribe. Esta foi mais uma novidade do pontificado de Francisco. Quiçá mais que os frutos da Assembleia Eclesial é o significado, a novidade de ouvir o povo de Deus não apenas o clero, mas todo batizado. Também é um novo passo na recepção do Concílio Vaticano II, no pontificado inaugurado em 2013, com uma eclesiologia que retoma o conceito de Igreja como Povo de Deus.

O caminho da sinodalidade no continente começou pelo Concílio Plenário Latino-Americano 1899; passando pelas conferências Episcopais do CELAM (Conferência Episcopal Latino Americano) realizadas com intervalos de 11 a 15 anos, Rio de Janeiro, 1955; Medellín, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1992; Aparecida, 2007. Quando o CELAM fez ao papa a proposta de realizar a VI Conferência Episcopal, entretanto Francisco insistiu que Aparecida ainda segue sendo válida, que deve continuar marcando o caminho para a Igreja no continente e pede que no lugar da Conferência, seja feita uma Assembleia Eclesial com todo o Povo de Deus para escutar o que o Espírito diz para a Igreja da América Latina e Caribe, a partir do documento de Aparecida e das novas realidades vivenciadas.

1. A SINODALIDADE ECLESIAL

A origem da palavra sinodalidade provém da palavra sínodo e significa caminhar juntos. Ainda os primeiros seguidores de Jesus eram identificados pela característica de caminhar juntos (At 9,2; 22,4). Apesar das perseguições, que não eram poucas, os discípulos caminhavam unidos, sabendo que a condição humana está destinada para a vida, e não para a morte. Portanto, sínodo é palavra muito antiga e venerada na tradição da Igreja, seu significado exprime um conteúdo muito profundo da Revelação. O termo é constituído pela preposição e pelo substantivo, “caminho”: indica o caminho feito pelo Povo de Deus que está intimamente unido ao

Senhor Jesus, o qual se apresenta a si mesmo como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), inclusive os cristãos, no seguimento de Jesus, são, na sua origem, chamados os discípulos do Caminho (cf. At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22) (cf. CONRADO, 2020).

Também, nos primeiros séculos do cristianismo com a palavra “sínodo” são designadas as assembleias eclesiais convocadas nos diferentes níveis como diocesano, provincial ou regional, patriarcal, universal para discernir, à luz da Palavra de Deus e na escuta do Espírito Santo, as questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais que, de quando em quando, se apresentam. Logo, a “sinodalidade designa, antes de tudo, o estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da igreja, exprimindo a sua natureza como o caminhar juntos e o reunir-se em assembleia do povo de Deus convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo no anúncio da Boa Nova (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL - CTI, 2018).

Historicamente, fora dos textos bíblicos, consideramos que o primeiro sínodo, propriamente, tenha sido convocado no ano de 155, na cidade de Roma, realizado pelo Papa Anacleto, para tratar da questão da data da Páscoa. Porém, existem também opiniões de que o primeiro sínodo teria sido convocado pelo Papa Vítor, no ano 190. A realização de sínodos na Igreja, tornou-se uma prática nos primórdios do cristianismo com o objetivo de resolviam questões doutrinárias e disciplinares, dentro de um contexto de reconhecimento recíproco das várias Igrejas particulares (FERREIRA, 2018, p 393).

No início do século II, de Inácio de Antioquia descreve a consciência sinodal das diversas Igrejas locais que solidamente se reconhecem expressão da única Igreja. (CTI, 2018, n 25). Os Sínodos foram celebrados periodicamente a partir do século III, tanto a nível diocesano, como provincial, para serem tratadas questões de disciplina, culto e doutrina surgidas no âmbito local. Existe a convicção de que as decisões tomadas eram expressão da comunhão com todas as Igrejas. Cada Igreja local é expressão da Igreja una e católica, manifesta-se através da comunicação das cartas sinodais, as coleções dos cânones transmitidas às ou-

tras Igrejas (CTI, 2018, n 28). Os Sínodos do Primeiro Milênio por um lado se refazem à Tradição apostólica, por outro resultam marcados, nos seus procedimentos concretos, pelo contexto cultural em que ocorrem. Para São João Crisóstomo (347-407), “Igreja e Sínodo são sinônimos”, porque a sinodalidade não é outra coisa que caminhar juntos.

No Segundo Milênio a prática sinodal, a partir do Medievo, começa a ser relativizada. A relativização criou graves problemas no interno da Igreja, como por exemplo, o caso da simultânea presença de dois papas, logo de até três pretendentes ao título papal, durante o cisma de Avinhão ou cisma papal (1378-1417). A solução da complicada questão é dada pelo Concílio de Constância com a finalidade resolver o cisma (1414-1418). Um século depois, a Igreja Católica, como resposta à crise da reforma protestante, celebra o Concílio de Trento, que foi muito menos sinodal dos anteriores. Os Bispos participam em Trento junto com os Superiores das Ordens Religiosas e das Congregações monásticas, assim como os delegados dos Príncipes, mesmo participando das sessões, não tiveram direito de voto, apenas os bispos.

O Concílio Vaticano I (1869-1870), o menos sinodal da história, foi conduzido por Pio IX, que estabeleceu a doutrina do primado e da infalibilidade do Papa (18 de julho de 1870). A partir deste dogma, não existiria mais a necessidade de sínodos ou concílios na Igreja, porque o próprio papa poderia resolver tudo de maneira unilateral e infalível. Entretanto, o papa João XIII convocou a realização do Concílio Vaticano II, o integrando na perspectiva de completo “*aggiornamento*”, assumindo os ganhos amadurecidos nos decênios precedentes e compondo-os por meio de uma rica síntese à luz da Tradição.

A sinodalidade foi retomada nos documentos do Concílio Vaticano II, embora o tema, em quanto tal, não recebeu uma atenção especial, mas se converte uma categoria chave na eclesiológia, em especial no documento *Lumen Gentium* (LG 54-57), como caminho de renovação, de modo que a mensagem da salvação não seja aprisionada (cf. 2Tm 2, 9), mas toque o coração

da humanidade hoje. (CONRADO, 2020). O Papa Pulo VI revitalizou a prática sinodal eclesial, instituindo oficialmente o Sínodo dos Bispos, em 15 de setembro de 1965, durante o Concílio Vaticano II, com o *Motu Proprio Apostolica Sollicitudo*. Após o Concílio Vaticano II, o próprio Paulo VI convocou o primeiro Sínodo dos Bispos que ocorreu entre os dias 29 de setembro a 29 de outubro de 1967, a partir daí até hoje, foram realizados vários sínodos, em diferentes setores da Igreja, de maneira periódica.

O pontificado de Francisco apresentando como eixo central a prática da sinodalidade. Na homilia da Solenidade de São Pedro e São Paulo, em 2013, primeiro ano do seu pontificado, afirmou: “devemos caminhar pela estrada da sinodalidade”. Portanto, a sinodalidade é o caminho no Magistério do Papa Francisco, sugerido sobretudo, no discurso da comemoração do 50º aniversário da instituição dos Sínodo dos Bispos. Apresentou sua marca num caminho sinodal que vem se desenvolvendo através da colegialidade. Para Francisco “Igreja e Sínodo são sinônimos”, porque “a Igreja não é outra coisa que o caminhar juntos”, inclusive “o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio”, essas foram palavras do discurso pelo 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos por Paulo VI.

Enfim, uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, que envolve todo povo de Deus nos processos de discernimento, nas decisões e práticas pastorais e de tal modo também deveria ser a missão das comunidades. Portanto a sinodalidade exige o envolvimento e a participação de todo o Povo de Deus na vida e na missão da Igreja, isto é, mostra a maneira específico de viver e de agir da Igreja Povo de Deus. A sinodalidade é o processo de busca para encontrar um lugar diante das legítimas diversidades, na sincera troca de dons à luz da verdade.

2. O CAMINHO SINODAL DA IGREJA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

É importante ter presente que a Igreja na América Latina e Caribe tem uma rica experiência conciliar, sinodal e colegial,

tanto nas origens modernas como na história contemporânea, intensificada nos últimos anos. Portanto, a primeira Assembleia Eclesial não começa do marco zero, faz parte de uma longa caminhada. O primeiro evento sinodal continental foi em Roma, no chamado Concílio Plenário Latino-Americano, sob o pontificado de Leão XIII, de 28 de maio ao 08 de julho de 1899, que ofereceu um impulso à Igreja Latino-americana, suscitando, nos países da América Latina a romanização da Igreja e do catolicismo, restringindo as tradições religiosas locais, em especial o uso dos idiomas vernáculos e proibindo uso de cânticos populares nas igrejas, ficando autorizado só o uso do órgão e canto gregoriano.

a) Posteriormente, a primeira Conferência Geral foi realizada no Rio de Janeiro, no Brasil, de 25 de julho a 4 de agosto de 1955, com o tema central, “Vocações e instrução religiosa”. Foi precedida do XXXIV Congresso Eucarístico Internacional, celebrado do dia 17 a 24 de julho de 1955. Foi marco para a consciência eclesial sinodal latino-americana ao fundar o CELAM (Conferência Episcopal Latino-americana), a preocupação principal era a falta de clero e o crescimento das igrejas pentecostais no continente. O documento final do Rio foi entregue só aos bispos no ano seguinte, em 1956, e se tratava apenas de um texto manuscrito.

b) A Segunda Conferência Geral aconteceu em Medellín, na Colômbia, de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968. O tema central foi, “A Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do Concílio Vaticano II”. Foi marcada pela recepção do espírito do Vaticano II, que pensou concretamente para América Latina o espírito de mudanças do Concílio. A Conferência foi de propostas, de esperanças, de confiança de que é possível uma Igreja com identidade própria, assumindo os desafios desta realidade e contribuindo para que ela seja transformada. Havia um espírito de euforia e otimismo pós-Concílio. A abertura dos trabalhos foi feita pelo Papa Paulo VI. Usou-se o método ver, julgar e agir dando linhas pastorais concretas.

c) A terceira Conferência Geral ocorreu na cidade de Puebla, no México, de 28 de janeiro a 12 de fevereiro de 1979. O tema

proposto foi: “A evangelização no presente e no futuro da América Latina” A data original deveria ser de 12 a 18 de outubro de 1978, mas com a morte de Paulo VI e de João Paulo I e como a eleição de João Paulo II, foi adiada para início do próximo ano. O Papa se fez presente na abertura dos trabalhos. A Conferência usou também o método “ver, julgar e agir”, assumindo novos compromissos sob a inspiração da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*.

O documento final apresenta uma Igreja engajada e preocupada com o povo, expõe alguns desafios eclesiais do continente. “Comunhão e participação” é a expressão mais utilizada em Puebla para definir o método da ação evangelizadora. O que mais marcou a Conferência foi a coragem de expressar a necessidade de fazer a opção preferencial pelos pobres (DP, 1134-1140) e pelos jovens (DP, 1166-1205), que impulsionaram a ação eclesial no engajamento social, político e econômico.

d) A Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino Americano teve lugar em Santo Domingo, na República Dominicana, de 12 a 28 de outubro de 1992. O tema da Conferência foi: “Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã”. Aconteceu no contexto do V Centenário do início da evangelização da América Latina. Existiu o esforço por controlar a Conferência, assim como o veto formal ao uso da metodologia do ver-julgar-agir.

Três expressões ficaram como que marcas registradas da Conferência de Santo Domingo: A nova evangelização não apenas no conteúdo, mas também na forma e no ardor. Esta nova forma de evangelizar não deveria de repetir os erros do passado e deveria tentar atingir os católicos nominais do Continente. A promoção humana vista de acordo com as opções feitas nas Conferências anteriores, apontando novos desafios a serem assumidos. A promoção humana foi destacada como uma dimensão privilegiada da nova evangelização. A cultura cristã pensada no processo de inculturação como contribuição das culturas indígenas, afro-americanas e mestiças com a riqueza da sua pluralidade cultural, dando importância à evangelização inculturada e contribuindo na construção de uma cultura verdadeiramente cristã.

e) A V Conferência de Aparecida aconteceu de 13 a 31 de maio de 2007, na cidade de Aparecida do Norte (SP), no Brasil. O tema central foi “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele todos os povos tenham vida - ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida’”. Na abertura teve a presença do papa Bento XVI. O contexto foi marcado fortemente por atores externos, a metade dos integrantes da assembleia não eram bispos, os quais falaram muito e foram ouvidos, embora não podiam votar. A assembleia foi realizada com presença de celulares e internet, o que globalizou e facilitou as informações. O contato com atores externos foi constante. Houve iniciativas expressivas, como o seminário Latino-americano de Teologia da Libertação de 18 a 20 de maio, na cidade vizinha de Pindamonhangaba, a tenda dos “Mártires da caminhada” montada durante a Conferência nas margens do rio Paraíba do Sul. A Romaria das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e das pastorais sociais, na noite de 19 de maio, da cidade de Roseira. Além da presença dos romeiros na Basílica de Aparecida que acodem normalmente.

Aparecida retomou o projeto de uma Igreja libertadora e missionária, valorizando e recuperando a caminhada Latino-Americana, como o método ver, julgar e agir, a opção pelos pobres, o papel fundamental das comunidades de base, o protagonismo dos leigos, a família, as opções pelos jovens, pelos indígenas e afro-americanos (Cf. DA 19). A Conferência conseguiu reafirmar o Vaticano II e a tradição latino-americana, sobretudo de Medellín e Puebla, em perspectiva de futuro, procurando responder aos “novos sinais dos tempos”. Enfim, como vimos a realização periódica de Conferências Episcopais do Continente tem um intervalo no máximo de 15 anos.

3. A SINFONIA DA ASSEMBLEIA ECLESIAL LATINO-AMERICANA E DO CARIBE

A assembleia Eclesial do CELAM manifestou que existem diversos níveis de exercício da sinodalidade, como disse Cardeal Grech, Secretário do Sínodo dos Bispos, durante a Assembleia Eclesial. Apresentou o tema da sinodalidade como uma sinfonia

cantada em uma infinita possibilidade de variações: “é uma sinfonia, onde cada voz, cada registro, cada timbre vocal enriquece o único Evangelho, cantado em uma infinita possibilidade de variações”. Portanto, a Assembleia eclesial é uma maneira nova e inédita da sinfonia para exercer a sinodalidade ao reunir não apenas os bispos, mas também representantes dos diversos setores da Igreja e do continente, que formam o povo de Deus.

a) O contexto

A Assembleia Eclesial Latino América e do Caribe aconteceu entre os dias de 21 a 28 de novembro, de forma mista, um grupo reduzido, por causa da pandemia do covid-19, se encontrou na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, na cidade do México e o restante pela plataforma zoom de forma virtual. O tema foi “*Todos somos discípulos misionários em saída*”, retomando o documento de Aparecida. O motivo da Assembleia foi retomar o espírito da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida em 2007, em sintonia com as Conferências Gerais anteriores, tendo no horizonte o Jubileu Guadalupense em 2031 e o Jubileu da Redenção em 2033.

O pedido feito pelo CELAM para ao Papa Francisco da realização da VI Conferência. Perante a petição, o Papa sugeriu que se fizesse algo novo e inédito, pensou que era necessário que se reunisse não somente os bispos, mas também representantes de todos os segmentos da Igreja e do continente, que compõem o “povo santo de Deus” a partir da retomada do Documento de Aparecida, que ainda é muito atual e temos muito que aprender. Sabemos que em 2007, o cardeal Jorge Mário Bergoglio, hoje Papa Francisco, serviu à Assembleia de Aparecida como redator final do documento e após sua eleição papal em 2013, Aparecida colabora com o magistério do Papa Francisco.

O processo de preparação começou com a escuta de uma sinfonia de muitas vozes no continente, feito durante cinco meses, entre abril e agosto de 2021, do Povo de Deus, que envolveu as Igrejas locais do continente no meio da dura crise da Pandemia

da Covid-19. Para facilitar o processo de escuta foi criada uma plataforma com o preenchimento de um formulário com as diversas questões. As respostas foram respondidas em grupos, por fóruns ou de maneira pessoal. Apesar da indiferença da maioria das Igrejas locais do continente, de acordo com os dados do documento de discernimento, o processo teve a participações direta de cerca de 70.000 pessoas, sendo 47.000 em diversos espaços comunitários; 8.500 contribuições pessoais; e 14.000 participando de espaços de reflexão de fóruns na América Latina, sobre os temas mais amplos e diversos. Peru foi quem mais contribuiu no processo de escuta, seguido pelo Brasil e Argentina. De acordo com a organização na fase de escuta teve a maioria de aportes de mulheres de diferentes países e instâncias eclesiais, porém na Assembleia as mulheres representavam apenas uma terceira parte dos delegados.

Também, foi a primeira vez que na Igreja da América Latina e do Caribe escuta a sinfonia das diversas vozes do povo de Deus, tão amplamente coletadas, são as vozes de homens e mulheres, crianças, jovens, comunidades, povos afrodescendentes, camponesas, universitários, comunidades LGTBIQ, pessoas com capacidades diferentes ou especiais, conferências episcopais, bispos, padres, religiosos, leigos, enfim pessoas de vários contextos socioculturais, com a finalidade de identificar os sinais dos tempo a partir das fortes interpelações. Como fruto do processo da escuta foi preparado o documento para o discernimento comunitário a partir de as múltiplas contribuições do Povo de Deus, com a participação ativa de muitas pessoas, tudo isso foi uma experiência de sinodalidade. Portanto, os textos bases para a Assembleia Eclesial foram o Documento de Aparecida e o Documento para o Discernimento Comunitário sendo fruto do resultado do processo de escuta do Povo de Deus, como dinâmica sinodal para a conversão pastoral.

A assembleia ainda representou a ponte entre o Sínodo sobre a Amazônia e o Sínodo sobre a Sinodalidade, que estão explicitamente ligados por uma eclesiologia do Povo de Deus. Neste sentido na mensagem enviada pelo Papa Francisco para a abertura da Assembleia, afirma:

Junto ao povo de Deus. Que esta Assembleia não seja de uma elite separa do Povo Santo de Deus. Junto ao povo, não esqueçam que todos somos parte do Povo de Deus, todos somos parte. Este povo de Deus que é infalibile in credendo, como nos diz o Concílio, é ele que nos dá a pertença... a Igreja se dá com o partir o pão, a Igreja se dá com todos sem exclusão e uma assembleia eclesial é sinal disso; de uma igreja sem exclusão.

Portanto, a Assembleia Eclesial, foi algo inédito na história da Igreja, seguindo o desejo de Francisco. Pela primeira vez reuniu representantes de todos os setores da Igreja do continente. A participação aconteceu com 93 % on-line e apenas 7% presencial por causa da pandemia do covid-19; sendo aproximadamente mil delegados conectados virtualmente e quase cem de forma presencial. A composição seguiu as orientações do Papa de que “todos somos parte do Povo de Deus”, desta maneira, para contemplar os diferentes setores da Igreja os participantes foram 20% de bispos; 20% de sacerdotes, 20% de religiosas e religiosos, 40% de laicos; 1,7% de diáconos, além de 0,7 % de outras religiões. A presença feminina representou 36% e a masculina é de 64 %. Como curiosidade a mais nova participante tinha 17 anos, era delegada da pastoral da juventude e a mais velha 87 anos, era uma leiga consagrada. Neste dinamismo o povo assumiu o pleno papel como batizados e batizadas de acordo com a *Lumen Gentium* abertos às vozes das pessoas de boa vontade.

A principal novidade foi o caráter eclesial e sinodal, que não se define por sua identidade eclesiástica, mas por sua capacidade de envolver e ouvir o mundo, e não apenas os fiéis na sinodalidade. Outra novidade significativa foi uma Assembleia Eclesiástica e não Episcopal. Apenas eram 20% dos bispos na Assembleia, o resto dos membros foram representantes de todo o Povo de Deus e da sociedade em geral. Mas não foi composta apenas por membros da Igreja Católica, participam com igual direito de voz, as pessoas, os movimentos e as instituições sociais, religiosas que a Igreja deseja e deve ouvir para discernir as mudanças que ela mesma deve realizar.

Os objetivos, traçados para a Assembleia Eclesial foram de cunho pastoral e missionário, retomando o Documento de Aparecida, porque da V Conferência do CELAM, “ainda temos muito a aprender” afirmou Francisco. Um dos principais desafios da Assembleia, foi fazer com que todo o Povo de Deus se sinta parte da Igreja através de um processo de escuta. Por isso, a Assembleia não devia ser um encontro de uma elite, mas com a participação que implique todo o povo Santo de Deus.

Enfatizamos a importância da Assembleia Eclesial Latino-Americana e do Caribe, sendo realizada após o Sínodo para Amazônia e dentro do horizonte do caminho do Sínodo sobre a Sinodalidade, isto é, a XVI Assembleia Geral Ordinária, que será realizada em outubro de 2023, em Roma. O Papa Francisco considera que é necessária a fase de participação do papel ativo do Povo de Deus no caminho para esta Assembleia Geral Ordinária é fundamental, entretanto é uma parte importante e integrante do Sínodo, para o efeito expressa no seu princípio, que possa envolver a Igreja universal: “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”.

b) O Evento

A realização do evento teve início com as escutas do Povo de Deus das diversas Igrejas locais do continente, seguindo o desejo do Papa Francisco de pôr a sinodalidade como forma de tomar decisões e renovar as estruturas de organização eclesial, indo além da colegialidade episcopal. A assembleia, aconteceu sob as novas tecnologias de maneira híbrida, com a presença de quase mil pessoas online pela plataforma zoom e com um pequeno grupo presencial na Cidade do México. A transmissão digital também foi aberta, para qualquer pessoa interessada em acompanhar o evento, através dos vários canais, na maioria do tempo. Porém, faltou um maior acompanhamento na preparação para os delegados, para que tivessem mais elementos nos grupos de discernimento comunitário.

A Assembleia Eclesial se colocou no processo de escuta, com a convicção de que o evento é o “*kairós*”, é o tempo propício de

Deus, sendo chamados a escutar a voz do Espírito Santo que emana do Povo de Deus. O encontro foi um processo de discernimento comum para responder aos signos dos tempos, para impulsionar a missão eclesial, delineando novos caminhos para o continente, seguindo os sonhos do Papa Francisco apresentados na Exortação “Querida Amazônia”: social, ecológico, cultural e eclesial. O Sínodo da Amazônia expôs a necessidade de uma “conversão integral”, que se desdobre na conversão pastoral, cultural, ecológica e sinodal (Cf QA, 7).

O principal meio e mais decisivo durante o desenvolvimento da Assembleia Eclesial, foram os pequenos grupos de discernimento comunitário, aonde aconteciam virtualmente os encontros de todos os membros da Assembleia, tanto os que estavam presencialmente na Casa Lago, sede da Conferência Episcopal Mexicana na Cidade do México, como quem estava conectado online a partir dos diversos lugares do continente. O ambiente virtual foi o espaço para dialogar e partilhar as diferentes experiências eclesiais do continente, como um lugar de discernimento, de escuta comunitário e como vivência da sinodalidade do Povo de Deus. A grande variedade de pessoas, experiências, estados de vida, idiomas, sotaques, culturas, enriqueceram a partilha na escuta do Espírito que inspira e guia no caminho sinodal dentro de um novo ardor missionário. Como assegura a mensagem final:

Com grande alegria vivemos essa Assembleia como uma verdadeira experiência de sinodalidade, em escuta mútua e no discernimento comunitário do que o Espírito Santo quer dizer à sua Igreja. Caminhamos juntos, reconhecendo nossa diversidade poliédrica, mas acima de tudo, reconhecendo o que nos une, e nesse diálogo, nossos corações como discípulos se voltaram para as realidades que o continente está vivenciando, em suas dores e esperanças.

Durante o evento, fruto principal do discernimento dos cinquenta grupos online da Assembleia Eclesial, apareceu a necessidade do reconhecimento maior do protagonismo das mulheres na sociedade e na Igreja, a superação do clericalismo e da auto referencialidade eclesial, a valorização da juventude, a reafirmação

da opção preferencial pelos pobres e pela justiça, a necessidade de retomar das CEBs como parte da experiência sinodal no continente, que não aparecem de forma clara nos desafios pastorais apresentados no final da Assembleia.

Um dos momentos importantes da Assembleia se deu na escuta dos diversos testemunhos de vida dos participantes, alguns presenciais e outros virtuais, que animaram com um entusiasmo que acontece no caminhar juntos em comunhão e sinodalidade, apresentando as ricas experiências de vida e missão nos lugares mais remotos e desafiadores do continente, como acompanhamento das vítimas da pandemia, das mulheres que sofrem violência, dos imigrantes indocumentados, dos povos originários, dos afrodescendentes, dos jovens, entre outros muitos.

Destacamos os momentos espiritualidade e oração que uniam a fé e a vida e enriqueciam a Assembleia com uma mística libertadora. Para cada dia existia uma citação Bíblica que orientava a jornada de trabalho cotidiano. O primeiro momento do encontro era um forte momento de espiritualidade e de oração refletida e iluminada a partir da Palavra de Deus e das diversas expressões culturais e místicas do continente unido a fé com a vida. No final da jornada sempre acontecia a celebração da Eucaristia e reza do Santo Rosário.

Infelizmente, desde o começo da Assembleia Eclesial, foi dito que não se produziria um documento final, embora esperamos uma posição oficial, para que não seja uma ruptura com as Conferências Episcopais do Continente, apenas apresentaria algumas conclusões ou desafios e orientações pastorais, como de fato foi feito. Ainda aconteceram várias dificuldades e desencontros, como as falhas técnicas, de maneira especial no primeiro dia não foi possível a realização do trabalho em grupos de discernimento, devido a problemas no sistema da plataforma zoom, talvez pela inexperiência e novidade da tecnologia, o que tornaram complexo o processo de participação, porém juntos na grande sala virtual o trabalho foi realizado, com os limites que impõem o grande número de participantes.

c) Esperanças e desafios

A Assembleia foi uma experiência profunda e de trabalho em conjunto de forma sinodal, que criou esperanças e marcou desafios. Ainda não sabemos realmente quais serão os verdadeiros frutos, por se tratar de um evento inédito na história eclesial. Esperamos que possa ser um “kairós” para Igreja na América Latina e no Caribe, um momento histórico para os caminhos pastorais e missionários para o continente. Entretanto, como resultado ou fruto do discernimento grupal foram apontados pela coordenação quarenta e um desafios pastorais para Igreja na América Latina, com as suas orientações pastorais de forma sintética, que após a escolha dos assembleísmos, através de indicações online foram priorizados apenas doze.

O Evento suscitou a Esperança de uma Igreja sinodal, através do processo de escuta, comunhão e participação. A sinodalidade sendo entendida como um espaço de encontro e abertura para a transformação das estruturas eclesiais e sociais que permitam renovar o impulso missionário e aproximação com os mais pobres e excluídos, valorizando mais os leigos, as mulheres e jovens, assim como a diversidade de identidades, povos e culturas. Igualmente foi suscitada a Esperança de uma Igreja mais próxima do sofrimento do Povo, que valoriza mais as CEBs, suscite ações de defesa para com os direitos humanos, a Casa Comum, assim como possa escutar o clamor dos mais pobres e excluídos.

Existiu o sentimento que a Igreja em tempos do pontificado do Francisco vem crescendo no processo sinodal, assumindo um jeito cada vez mais participativo e missionário, enquanto mais vive e pratica um estilo sinodal de comunhão. Portanto, a Igreja não é apenas sinodal, mas também é missionária, porém só é missionária se for sinodal e só é sinodal se for missionária. Uma conversão missionária não é possível sem uma conversão sinodal, o que implica a escuta que tem a coragem de pedir e dar perdão (Cf. GRECH).

Um projeto missionário só pode emergir do processo sinodal de escuta-discernimento. Para realizar uma atuação sinodal, conversão pastoral e missionária se exige que alguns paradigmas,

ainda muito presentes na cultura eclesial sejam superados o que parece um desafio que a maioria da Igreja não está disposta a enfrentar. Entre estes, a concentração da responsabilidade da missão apenas no ministério dos pastores ordenados como bispos e padres, assim como a insuficiente valorização da vida consagrada e dos dons carismáticos, inclusive a pouca apreciação da atuação específica e qualificada dos leigos, em especial das mulheres. Portanto, o exercício de um estilo sinodal de comunhão e participação, constituem a base para uma eficaz conversão missionária e pastoral do discípulo missionário.

Experiências pastorais como as CEBs, as pastorais sociais, as Missões Populares e os Mártires da caminhada, entre outros temas, aparecerem de maneira tímida nos desafios pastorais apresentados no final do encontro. Parece que o resultado foi pouco expressivo para um evento tão esperado no processo de abrir caminhos para o Povo de Deus e da Igreja. Apesar das deficiências, lacunas e limites da Assembleia, esperamos que todos os discípulos missionários sejam capazes de assumirmos o compromisso de uma Igreja em saída no compromisso da construção do Reino de Deus.

O grande desafio de superação do clericalismo permanece como fenômeno na Igreja, que abusa do poder institucionalizado para manter os leigos à margem das decisões (Cf. EG, 102). Obstaculiza o crescimento de uma Igreja Sinodal e missionária, eco foi evidenciado na Assembleia e colocou a Igreja diante da necessidade de uma constante conversão, diante de um presente e passando clerical para projeto sinodal, menos burocracia, autossuficiente e sem abusos de poder. O Papa Francisco nos convida ao longo de seu pontificado, repetidamente a passar de uma Igreja clerical para uma Igreja Sinodal. Portanto, é impossível imaginar uma conversão eclesial sem a participação ativa de todos os membros do Povo de Deus. Uma Igreja sinodal não é autorreferencial, mas missionária; é uma Igreja que escuta o grito dos pobres e da terra.

Enfim, a assembleia não foi ponto de chegada, mas de partida, portanto a partir das reflexões realizadas na Assembleia Eclesial foram feitos quarenta e um desafios pastorais, logo foram

sintetizados em doze, com orientações pastorais, para a Igreja no continente, os quais são referentes à participação dos jovens e das mulheres nas instâncias de discernimento e decisão eclesial; ao acompanhamento às vítimas da injustiça, pobres, povos originários e afrodescendentes na defesa da vida; à defesa da vida e da dignidade humana de forma ampla; à valorização da sinodalidade para a erradicação do clericalismo; à participação dos leigos na transformação cultural, política, social e eclesial; à escuta do clamor dos pobres e descartados; à inclusão de temas no itinerário formativo nos seminários da ecologia, povos originários, inculturação; à renovação da ministerialidade, evitando o clericalismo e favorecendo a conversão pastoral; à reafirmação dos quatro sonhos de Querida Amazônia; às ações para o encontro pessoal com Cristo na realidade do continente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Assembleia Eclesial não pode ser reduza a um olhar exclusivo para o interior da Igreja, mas precisa ser um novo jeito de sinodalidade, como processo de conversão eclesial, como caminho da missionária, no processo de criar uma consciência de que todos somos igreja e, portanto, todos somos discípulos missionários. Neste sentido se ouviram vozes com o desejo da renovação do compromisso da missão, como tarefa de todo o povo de Deus, isto é, de todo o discípulo missionário está inserido nas realidades cotidianas do continente. Os protagonistas da missão são os próprios leigos, superando a visão tradicional da missão. O caminho da sinodalidade requer constante conversão pastoral e missionária, a qual consiste em uma renovação de mentalidade, de atitudes, de práticas e de estruturas em vista da cada vez maior fidelidade à própria vocação.

Assembleia Eclesial foi um tempo de discernimento e de escuta, houve grandes esforços sintéticos a fim de que não fosse uma “Torre de Babel” diante da diversidade e pluralidade de opiniões, visões e manifestações nos diversos grupos de escuta e discernimento. Todavia, ficou a responsabilidade de preservar e

dar continuidade ao processo sinodal, atualizando e revitalizando o documento Aparecida pós Assembleia Eclesial, seguindo o desejo de Papa Francisca, contudo, ainda ficam incertos sobre o verdadeiro resultado final. Inclusive estamos cientes que a Assembleia Eclesial não é ponto de chegada, mas ponto de partida, embora os resultados não têm novidades, o significado é muito mais importante que qualquer tipo de resultado.

As apresentações, palestras, elaborações e testemunhos de vida durante a Assembleia apontaram o convite de reformar as estruturas eclesiais, com a efetiva valorização das mulheres, da irradicação do clericalismo, do compromisso com a casa comum, entre outros temas. A assembleia esteve cheia de sonhos e esperanças com grandes utopias como discípulos missionários para a transformação da sociedade, humanidade e Igreja na fidelidade do seguimento de Jesus Cristo. Entretanto, houve o sentimento de que o processo de utopia e Esperança durante a assembleia se enfraqueceu diante de uma lista de afirmações, desafios e orientações pastorais finais, talvez, não correspondem totalmente ao desenvolvimento da Assembleia, nem a convocatória Eclesial, de acordo com os sonhos do Papa Francisco. Quem sabe, se não tivermos a ousadia necessária, será mais um evento eclesial e não se conseguirá dar o salto necessário de qualidade sinodal e missionário. Porém, apesar das lacunas, desejamos que a Assembleia Eclesial possa ser um verdadeiro “*kairós*” para Igreja Universal e para o continente da América Latina e do Caribe.

PARA REFLETIR

- O que entendemos por uma prática missionária sinodal?
- Como realizamos nossa ação missionária e comunitária diante do processo sinodal?
- Porque as nossas decisões comunitárias devem ser cada vez mais sinodais?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELAM. *Documento de Aparecida*. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB, 2007.

_____. *Documento de trabajo: Escucha en la 1ª Asamblea Eclesial para América Latina y el Caribe*. Voces del Pueblo. Disponível: <https://asambleaecclesial.lat/> Acesso 19 de novembro de 2021.

_____. *Documento para el Discernimiento comunitario*. En la Primera Asamblea Eclesial de América Latina y el Caribe “Todos somos discípulos misioneros en salida” Disponível: <https://asambleaecclesial.lat/> Acesso 19 de novembro de 2021.

_____. *Los desafíos Pastorales de la Asamblea Eclesial de América Latina y del Caribe*. Documento em PDF.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum* sobre a revelação divina. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONRADO, S. Sinodalidade e conversão pastoral. *Revista Vida Pastoral*. Ano: 61 Número: 331. Fevereiro de 2020. São Paulo: Paulus.

FERREIRA, A. A Sinodalidade Eclesial no Magistério de Francisco. *Revista ATeo*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 390-404, maio/agosto 2018.

FRANCISCO. *Discurso do santo padre Francisco*: comemoração do quinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, 17 out. 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/>. Acesso: 16/07/2021.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

_____. *Exortação apostólica Querida Amazônia*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2019.

_____. *Mensagem para a abertura da Assembleia da América Latina e caribe*. Texto em PDF.

GRECH, Card. Mário. *Mensagem do Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos*, para a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe. Documento PDF.